

A formação vocal na Licenciatura em Música: reflexões a partir de revisão bibliográfica

Comunicação

GTE 13 – Ensino Superior de Música

Cecilia Ferreira Bortoli
Instituto de Artes - UNESP
cf.bortoli@unesp.br

Andreia Miranda de Moraes Nascimento
Instituto de Artes - UNESP
andreia.moraes@unesp.br

Resumo: O presente trabalho apresenta uma discussão sobre a formação vocal do licenciando em música a partir de sete artigos publicados na ABEM e na ANPPOM. Trata-se de um pequeno recorte da revisão bibliográfica da pesquisa de Mestrado em Música, que está em andamento e toma como objeto a voz e o canto nos cursos de Licenciatura em Música do estado de São Paulo. Por fim, observamos diversas maneiras de olhar a voz no ambiente formal, seja através da formação vocal do professor de voz da universidade; de situações de exclusão nas aulas de canto; da avaliação em voz; ou do coral, este último carregando ora ênfase em determinadas técnicas musicais, ora a diversidade cultural em destaque.

Palavras-chave: formação de professores; educação vocal; diversidade cultural.

Introdução

Qual voz é preciso forjar?

Forjamos nossas identidades, que são permeáveis pelas experiências da vida. Para um professor ou educador, parece que uma importante fatia desta identidade é a formação universitária ou escolar de forma geral, visto o valor atribuído “a figuras docentes que marcaram suas vidas” pelos candidatos aprovados como docentes na FEUSP (Silva, 2025, p.64). O currículo, por sua vez, é um retrato de parte dessa formação, sendo aquela que define “quais conhecimentos devem ser selecionados” (Silva, 2010, p.15) e se tratando de “um empreendimento ético, um empreendimento político” (Silva, 2010, p. 29). É claro que as demais experiências extracurriculares, a história de vida e toda a complexidade da trajetória de cada um têm um papel significativo na construção dessa identidade. Tão logo, ao forjar

nossa identidade, forjamos nossa voz, única em timbre tal qual impressão digital sonora que reverbera nas caixas ressonantes do nosso corpo, chegando à pele e aos ouvidos — também pele — dos outros.

Assim, é curioso notar o quanto a voz é parte da análise da capacidade docente. Na pesquisa de Juliana Souza, na parte que trata sobre os pareceres elaborados por aqueles que integram bancas nos concursos, nota-se uma série de destaques para aspectos da voz, como “extraordinária capacidade de comunicação e verbalização; (...) fala rápida (...); boa oratória e postura (...); boa dicção (...); tom de voz e dicção (...); postura de voz com entonação adequada (...)” (Silva, 2025, p. 72). Isso para não falar de outros termos que podem levar a uma compreensão de que a voz foi avaliada, como “monotonia; (...) fluência (...); linguagem (...); desembaraço (...)” (Silva, 2025, p. 72). No entanto, é raro o professor que se entenda como profissional da voz, questão, esta, que levanto na minha pesquisa e, mais especificamente, olhando para educadores musicais.

Em vista disso, indagamos qual a formação vocal dos educadores musicais atualmente e se ela proporciona um desenvolvimento vocal reflexivo. Tomamos como objeto de pesquisa (em andamento) de Mestrado as universidades públicas do estado de São Paulo. Tão logo, para toda pesquisa é necessário fazer um levantamento bibliográfico, sendo desta etapa que nasce o presente artigo.

Metodologia

A escolha de artigos para este trabalho se deu a partir de seleção prévia feita para a revisão bibliográfica da pesquisa de Mestrado em andamento. Tabulamos a produção acadêmica encontrada em anais e revistas científicas de música, bem como repositórios institucionais e bases de dados, a partir das palavras-chave da pesquisa, a saber: (1) Voz e/ou canto na Licenciatura em Música; (2) Currículo e/ou formação nas Licenciaturas em Música; (3) Pedagogia Vocal, Voz/Canto na Educação Musical. Outro recorte foi o temporal, sendo de 2018 a 2024. Logo, encontramos 230 textos no total, sendo 41 na primeira divisão, 109 na segunda e 80 na terceira. Para este artigo, selecionamos a divisão de número 1, por ser a diretamente ligada à nossa pesquisa e, dentre esses, separamos os textos publicados na ANPPOM e na ABEM, pela relevância destes eventos para a educação musical. Reduzimos o

recorte temporal a 5 anos a partir de 2024 e, depois de leitura dos textos restantes, elegemos aqueles mais relevantes para o tema, privilegiando, portanto, os que mencionam voz (técnica vocal, canto, coral, disciplinas voltadas para esses temas, diversidade cultural na voz) nos cursos de licenciatura em música. Assim, chegamos ao total de 7 textos, que serão discutidos tendo em vista a questão da formação vocal reflexiva, diversa e contextualizada ao fazer docente.

Pensando com os textos

Os artigos escolhidos trazem diferentes aspectos e posicionamentos a respeito da formação vocal de educadores musicais. Alguns o fazem diretamente, refletindo sobre conteúdos e pedagogias da voz no ambiente universitário da licenciatura em música, outros, por mencionar atividades relacionadas a extensão, avaliação das disciplinas, ou a formação do profissional que pode atuar como professor de voz na universidade.

Começamos pelo artigo de Larissa e José (Barbosa; Soares, 2023), pesquisadores de um conservatório estadual de música e da UFU, que traz um recorte de pesquisa de mestrado e aborda as relações entre a formação musical e pedagógica da professora de canto da universidade estudada. Eles apontam a relevância do contexto familiar e escolar para a formação da docente, corroborando com a ideia da importância da vida escolar para professores, apresentada na introdução do presente texto.

Os autores trazem dados sobre a formação predominantemente voltada ao ambiente da música de concerto da professora. Eles nos contam que a docente tem formação em diversos lugares, destacando conservatório de música e universidade, o que poderia levar a questionar o uso da palavra “diverso”, porém seria necessário maiores informações para aprofundar. Informam que a professora atua em aulas de canto e na performance, não mencionando experiência em sala de aula com crianças, tampouco contextos como educação básica ou projetos sociais. Porém, destacam que fatores como o uso intenso da voz ao falar e ao cantar, saúde vocal e resistência vocal são levados em conta nas aulas com os licenciandos, o que demonstra contextualização das aulas com a futura atuação profissional dos estudantes. Vale ressaltar que poucos trabalhos apresentam essa reflexão sobre o uso de voz que mescla canto e fala, inerente à atuação de educadores musicais.

Já o artigo de Rodrigo e Lília (Jesus; Gonçalves, 2023), também pesquisadores da UFU, é de extrema relevância por ser o único encontrado que traz a questão da homofobia na aula de canto. Embora não relacione diretamente à formação do licenciando em música, tema da pesquisa que desenvolvemos, trata da experiência de três professores de canto. Logo, torna-se relevante para nossa escolha pois, conforme o primeiro artigo discutido, professores de canto estão incluídos entre os formadores vocais da licenciatura em música.

Para os autores e segundo seus entrevistados, a homofobia na aula de canto ocorre de diversas maneiras, por exemplo, através da imposição dos padrões vocais masculinos de voz grave, naturalizados a partir das práticas culturais presentes na sociedade e refletidos nas práticas pedagógicas, marginalizando vozes que não são representadas por ele. Isto dificultaria a expressão da identidade vocal de um estudante LGBTQIA+, uma vez que a “voz também carrega características físicas, sociais e culturais relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual” (Jesus; Gonçalves, 2024, p. 4).

Os autores destacam a hostilidade generalizada no ensino de canto, um ponto que merece atenção. Além disso, sugerem que essa característica pode mascarar casos de hostilidade direcionada a grupos específicos, como a comunidade LGBTQIA+. Em relação à violência, mencionam comentários depreciativos que ocorrem até mesmo em ambiente universitário.

Assim, concordamos com os autores sobre a importância do/a professor/a de canto na “criação de um ambiente seguro e acolhedor para os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero” (Jesus; Gonçalves, 2024, p.12). Este é um fator de relevância para a formação de licenciandos em música, uma vez que padrões pré-estabelecidos de voz embasados em uma cultura única podem não contribuir com um bom desenvolvimento vocal e reflexivo do futuro educador. Entendemos que diversificar padrões está entre os valores a serem considerados na escolha de repertório, pedagogias e técnicas vocais da licenciatura em música.

Outro ponto relevante é a avaliação, presente no artigo da pesquisadora Amanda, do IFCE (Félix, 2024). O trabalho apresenta uma proposta de avaliação musical nas disciplinas de Técnica e Expressão Vocal de um curso de Licenciatura em Música a partir das reflexões de

Keith Swanwick. Tem caráter único entre as referências encontradas e discute o complexo assunto da avaliação, principalmente em voz.

A autora delinea quatro pontos que foram levados em conta para sua proposta. Vamos cita-los aqui, pois consideramos importantes para situar alguns aspectos da pedagogia vocal. São eles: (1) o surgimento recente do canto popular na graduação brasileira, em 1989, na UNICAMP, após mais de cem anos da educação formal em música no Brasil (Félix, 2024, p.2); (2) as questões particulares sobre linguística e técnicas do canto popular brasileiro, com base em nosso vasto repertório (Félix, 2024, p.3); (3) a oralidade, escuta, imitação como intrínsecos à aprendizagem do canto popular (Félix, 2024, p.4); e (4) a importância da criação e improvisação, inerentes ao canto popular (Félix, 2024, p.4). Notemos que os pontos (3) e (4) são muito discutidos na educação musical como um todo.

Em seguida, e após enumerar os três níveis de produção metafórica de Swanwick, a autora elabora um quadro com critérios para avaliação do estudante de canto popular, da prática Instrumental/Vocal da Licenciatura em Música da instituição estudada. Na tabela, encontramos menções a quesitos técnico-vocais, musicais, expressivos, e sobre consciência do aprendizado vocal.

É fundamental, portanto, que haja referências objetivas para a avaliação em música e voz, como as apresentadas pela autora. Assim, tendo em vista os desafios da avaliação formal, reforçamos com a autora a importância de que ela seja musical, incorporando suas nuances e subjetividades.

Prosseguindo, boa parte das referências encontradas sobre voz na universidade de música é relacionada ao canto coral, disciplina muito presente nos cursos de graduação em música. O artigo de Rafael (Garbuió, 2024), pesquisador da UFBA, discorre sobre a prática do canto coral como destaque no processo músico-pedagógico.

O autor pontua questões sobre avaliação e acompanhamento da frequência dos alunos como desafios do componente curricular, o que pode ser entendido como tarefa inerente a qualquer prática docente. No entanto, ele se refere especificamente à rotatividade dos cantores, à heterogeneidade do grupo e à dificuldade em construir um projeto musical duradouro.

Para o autor, os desafios mencionados geram diferentes possibilidades. Ele exemplifica a questão do uso do vibrato, que varia em épocas distintas da música de concerto europeia. Pode-se notar que o artigo se refere à voz coral voltada para este repertório, a seus padrões de técnicas e estilo, sendo um elemento como o tipo de vibrato pertencente a este ambiente. Assim, para o autor, a aula de coral na universidade seria uma oportunidade de desenvolver e aprofundar as técnicas e interpretação da música de concerto.

Por outro lado, o trabalho de Marco Aurélio e Jusamara (Aurich; Souza, 2024), pesquisadores da UFRGS, traz a ideia do coro como um espaço de ensino-aprendizagem musical, social e educativo, pensamento que pode ser muito proveitoso para a licenciatura em música. Tratando de relato sobre atividades de estágio supervisionado, os autores destacam a importância do mesmo para a formação do educador musical.

Entre as observações feitas no texto, concordamos com a relevância de considerar o/a regente como orientador/a, sendo que suas ações referente às dinâmicas do ensaio influenciam o ambiente. O trabalho ainda refere conteúdos musicais que podem ser ensinados além daqueles propriamente vocais, como padrões tonais, que foram trabalhados com o grupo em questão. Vale ressaltar a participação da autora, estudante de licenciatura em música, com a criação de arranjos e como instrumentista. Consideramos, ainda, que a prática vocal esteve imersa no processo de formação da mesma, uma vez que participou como estagiária neste coro.

Se a formação vocal pode aparecer no estágio, é evidente que aparece no componente curricular. O artigo de Beatriz, Rosângela e Leila (Teixeira; Duarte; Camargo, 2020), pesquisadoras da UERR, trata sobre como o canto aparece na formação de educadores musicais. Consideram que há bastante carga horária relacionada ao canto, mas pode haver empecilhos na questão do canto voltado para a educação básica, pelas formas como o conteúdo voz é tratado na formação acadêmica.

As autoras comentam sobre a noção de *habitus* conservatorial cunhada por Pereira (2012) com embasamento na teoria de Pierre Bourdieu, porém o tratam como algo que pode ser “transposto” para a sala de aula e, logo, ser prejudicial. Caberia ponderar que o *habitus* seria, na verdade, incorporado, e não transposto como modelo. “A concepção de um modelo estático que é reproduzido permanece forte, sendo utilizada, muitas vezes, como sinônimo

do termo em questão (*habitus* conservatorial)” (Pereira et. al., 2021, p. 12). Existe uma discussão¹ sobre a apropriação do termo e seus diferentes entendimentos, que muito nos interessa, mas não será aprofundada aqui.

Retomando, no que tange o ponto mais direto da carga horária das aulas relacionadas a voz na Licenciatura em Música, compartilhamos com as autoras o posicionamento de que é preciso compreender se esses conhecimentos — da maneira que estão organizados e são transmitidos — são capazes de subsidiar o professor que atuará na Educação Básica.

Em estudos sobre currículo e educação musical, um assunto bastante frequente é o das abordagens decoloniais. O artigo de Livia (Itabotahy, 2024), pesquisadora da UFMG, aborda propostas para a incorporação dessas abordagens no currículo universitário. Ela revela informações sobre sua educação vocal que envolvem falas de exclusão e não-pertencimento ao ambiente do canto “erudito”, o que retoma o colega Rodrigo (Jesus; Gonçalves, 2023), sobre hostilidade nas aulas de canto.

Com base em estudos citados por ela, a autora discorre sobre a colonialidade na educação musical, explicando que a “música erudita” ainda é foco principal dos cursos de graduação em música. Ela reforça, no entanto, que é fundamental considerar a diversidade vocal nos modelos pedagógicos, enxergando os “estudantes como criadores de cultura” (Itabotahy, 2024, p.11).

O artigo de Érica, Irma e Priscila (Paula; Santos; Lima, 2024), pesquisadoras da UFBA e do CBM, acrescentam ao já posto, por trazerem reflexões sobre a prática de repertório com caráter afro-brasileiro no coral, com estudantes de música. A partir de pesquisa sobre a relação das crenças individuais e a adesão de grupos de estudantes a determinado repertório, elas teceram pensamentos sobre a diversidade cultural em ambientes de ensino, amparadas pelas leis 10.639/03 e 11.645/08.

O trabalho das pesquisadoras diz respeito a escolha da música “Canto de Iemanjá” para aulas de canto coral com estudantes de música. De acordo com as autoras, algumas pessoas se sentiram acolhidas pela escolha do repertório de caráter popular, mas parte da turma se

¹ Sobre o tema, consultar o artigo de Pereira e pesquisadoras, (Pereira et. al., 2021), sua pesquisa (Pereira, 2012) e obras de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2007).

sentiu impedida de participar por motivos religiosos, o que revela uma dificuldade em aceitar temáticas afro-brasileiras por praticantes de certas religiões.

Por conseguinte, as autoras destacam a “música como um agente de representação cultural e social e não apenas como fenômeno sonoro” (Paula; Santos; Lima, 2024, p. 7). Vale considerar que:

A partir do aumento da presença de alunos e alunas negras no ambiente acadêmico, torna-se evidente a necessidade de compreensão sobre como se estabelece a identidade racial nesse contexto, levando em consideração a diversidade cultural entre eles em uma sociedade estruturalmente racista, que devido a ação da branquitude tende a inferiorizar, silenciar e invisibilizar essas existências” (Paula; Santos; Lima, 2024, p. 6).

Dessa forma, o canto coral na universidade pode ser um lugar de explorar diversidade cultural e vocal, quebrando possíveis preconceitos, já que se trata de um ambiente laico, onde o canto não representa ato religioso. Porém, como visto, tal proposta pode enfrentar barreiras impostas pela experiência de vida de alguns estudantes. É importante, no entanto, empenhar-se em proporcionar diversidade cultural no ambiente vocal acadêmico, tendo em mãos as leis supracitadas, apostando na criação de um ambiente de pertencimento para todes, todas e todos.

Considerações finais

Entendemos a voz como recurso expressivo da humanidade e como ferramenta de trabalho de toda a classe de professores, enfatizando a recorrente singularidade de associar voz falada e voz cantada no trabalho de educadores musicais. Tal prática requer, no mínimo, resistência e conhecimentos vocais, tendo em conta que o autoconhecimento — esta, uma forma de conhecimento, embora por vezes pouco valorizada na nossa sociedade — é parte intrínseca à educação vocal. É válido pensar em possibilidades para a educação vocal embasada em diversidade cultural e em técnicas vocais, incentivando criatividade ao cantar e se expressar vocalmente para a/o docente que atuará diretamente com a voz, educando musicalmente.

Percebemos que há muitos textos relacionados à prática coral e, esta, certamente é marcante na formação musical. Entretanto, perguntamos quais outras vivências vocais seriam

relevantes para licenciandos. Ressaltamos, também, a importância de considerar aspectos externos à academia nas reflexões sobre o assunto, uma vez que docentes e discentes carregam suas histórias e personalidades, que interferem diretamente na voz, fala e canto.

Atentamos ao fato de que respeitamos e valorizamos todas as possibilidades de trabalho com voz supracitadas, desde as mais convencionais até as mais inovadoras, tendo em conta, porém, que é importante privilegiar a diversidade dos conteúdos e práticas vocais na Licenciatura em Música. Assim, possibilitamos incluir os estudantes e suas experiências vocais anteriores, bem como aquelas da/o docente responsável, oferecendo um espaço acolhedor e de potencial desenvolvimento das habilidades e resistências vocais que músicos-educadores precisam adquirir para trabalhar com a voz em toda sua potência e originalidade.

Referências

AURICH, Marco Aurélio de Carvalho; SOUZA, Jusamara. O coro como um espaço de ensaios, apresentações e criação de arranjos: Relato de experiência a partir do Estágio Supervisionado em Música. *In: XXI Encontro Regional Sul da ABEM. Educação Musical, Mundo do Trabalho e a construção de uma sociedade democrática, 2024. Anais [...]*. Disponível em: <https://abem.mus.br/anais_ersul/v6/papers/2168/public/2168-9236-1-PB.pdf>. Acesso em 16 jul. 2025.

BARBOSA, Larissa Márcia Mendes; SOARES, José. A relação entre a formação musical/pedagógica e a prática pedagógica de uma professora da disciplina educação vocal e dicação do curso de licenciatura em artes-habilitação em música da Universidade Estadual de Montes Claros. *In: XXXIII Congresso da ANPPOM, 2023. Anais [...]* Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1918/public/1918-7893-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FÉLIX, Amanda. Avaliação musicalmente estruturada no ensino acadêmico em canto popular: um relato de experiência. *In: XVII Encontro Regional Nordeste da ABEM. Educação Musical, Mundo do Trabalho e a construção de uma sociedade democrática, 2024. Anais [...]*. Disponível em: <https://abem.mus.br/anais_ernd/v6/papers/1993/public/1993-8478-1-PB.PDF>. Acesso em 15 jul. 2025.

GARBUIO, Rafael Luís. A prática do canto coral como componente curricular nos cursos de graduação em música: desafios e possibilidades. *In: XXXIV Congresso da ANPPOM, 2024. Anais [...]* Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2557/public/2557-10519-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

ITABORAHY, Livia Oliveira. Canto popular e decolonialidade: voz, território e pertencimento no ensino universitário latinoamericano. *In: XXXIV Congresso da ANPPOM, 2024. Anais [...]* Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2750/public/2750-10842-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

JESUS, Rodrigo Nunes de Oliveira; GONÇALVES, Lília Neves. Práticas homofóbicas na aula de canto: experiências heteronormativas e reflexões sobre gênero e sexualidade na educação musical. *In: XXVI Congresso da ABEM, 2023. Anais [...]* Disponível em: <https://abem.mus.br/anais_congresso/v5/papers/1665/public/1665-7424-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PAULA, Érica Campos de; SANTOS, Irma Ferreira dos; LIMA, Priscila Moret Pio Maciel. Canto de Iemanjá: a relação entre religião e repertório cultural numa turma de canto coral universitário. *In: XXXIV Congresso da ANPPOM, 2024. Anais [...]* Disponível em:

<https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2024/papers/2557/public/2557-10519-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. *Ensino Superior e as Licenciaturas em Música (Pós Diretrizes Curriculares Nacionais 2004): Um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012. Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/324516635_ENSINO_SUPERIOR_E_AS_LICENCIATURAS_EM_MUSICA_POS_DIRETRIZES_CURRICULARES_NACIONAIS_2004_um_retrato_do_habitus_conservatorial_nos_documentos_curriculares>. Acesso em 28 jun. 2025.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros; BARBOSA, Amanda Martins; ANDRADE, Debora; COSTA, Maria Angélica de Toledo Calderano da; VALE, Sara Paraguassú Santos do. *Habitus conservatorial: apropriações do conceito nos anais do Congresso Nacional da ABEM (2012 – 2020)*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, XXV, 2021. Anais do XXV Congresso Nacional da ABEM. Disponível em: <

http://abemeducaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/881/public/881-4327-1-PB.pdf>. Acesso em 28 jun. 2025.

SILVA, Juliana de Souza. Os documentos dos concursos públicos de contratação docente como recursos para a compreensão sobre a cultura universitária. In: LIMA, Ana Laura Godinho; CATANI, Denice; SILVA, Juliana de Souza (Orgs.). *Os estudos educacionais e suas fontes: questões de ensino e de pesquisa*. São Paulo: Intermeios, 2025. p. 55-76.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Currículo Como Fetice: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

TEIXEIRA, Beatriz Taveira de Moura; DUARTE, Rosangela; CAMARGO, Leila Maria. O canto na formação do professor de música: um olhar sobre o currículo. In: XI Encontro Regional Norte da ABEM. A Educação Musical Brasileira e a construção de um outro mundo: proposições e ações a partir dos 30 anos de lutas, conquistas e problematizações da ABEM, 2020. *Anais [...]*. Disponível em <<https://abem-submissoes.com.br/index.php/RegNt2020/norte/paper/viewFile/459/226>>. Acesso em: 14 jul. 2025.